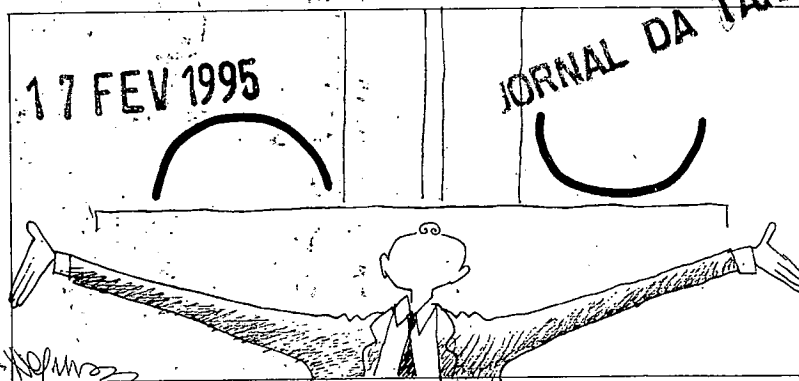


Meu Brasil ciclotímico

ALBERTO OLIVA



A PRECÁRIA ÂNCORA CAMBIAL SÓ PODE SER ABANDONADA QUANDO SE ATRACAR NO PORTO SEGURO DAS REFORMAS ESTRUTURAIS URGENTES

O ano de 94 teve final quase apoteótico. O Real espalhava euforia por todos os quadrantes do País. Estava por terminar um governo que se redimia do atentado ao pudor no carnaval da Sapucaí administrando com êxito um remédio inventivo ao qual muitos atribuíam o poder de acabar com a superinflação de forma indolor e sem contra-indicações. Mas todos sabiam que, passado o efeito da dose única do milagroso medicamento, só a complicada cirurgia das reformas garantiria longevidade ao Real. E essa foi confiada às mãos hábeis do ilustre sucessor. Nesse sentido, com Itamar saboreou-se o lado doce do Real, ficando à parte amarga para depois do carnaval sem Lilian Ramos. Não há como negar que a nova moeda, com animais guardiões de sua integridade, conseguiu reverter o desencanto dos pessimistas que alardeavam, à época da cloaca **collorida**, que o Brasil era um caso perdido. Só os que ficam melancólicos a cada dezembro lembraram que os outros planos tinham morrido na praia. A maioria, com o bolso mais ou menos revitalizado, se entregava com confiança às gastanças natalinas. O eleito, apoiado por um presidente regurgitando popularidade, era cantado em prosa e verso como o mais preparado da história republicana. Foi, assim, num quadro de otimismo desbragado que começamos 1995. A expectativa era de que com FHC tudo só podia melhorar ainda mais. No entanto, bastou janeiro chegar para que os neodeprimidos roubassem a cena.

Não há como negar que o Congresso deu decisiva contribuição para o desencanto de janeiro: continuou insensível às

aguras do mundo circundante autoconferindo-se privilégios, anistiando Lucena, etc. Ao presidente o Congresso deu um presente de grego: vultoso aumento de salário junto com o constrangimento de obrigá-lo a vetar o salário mínimo de 100 reais. E, de quebra, colocou FHC no dilema de sancionar a impopular anistia a Lucena ou entrar em rota de colisão com o Legislativo. Tudo isso fez com que sua popularidade caísse consideravelmente — demais até para um primeiro mês de mandato — e muitas pessoas comessem a achar que estávamos voltando a ser a velha centopéia atarantada, um país sem senso de Real e sem ideal ético. Mas os principais fatores que ora provocam essa diminuição de confiança vêm de longe. Não foram criados pelas conjunções astrais do início de 1995. O que deve causar inquietação não é seu poder de sobrevivência, e sim a eventual constatação de que falta aos novos donos do poder vontade política de enfrentá-los. A sarneynização

do governo de FHC acarretaria a rápida pulverização do poder conferido pelas urnas. A única identidade possível para o novo governo é a do reformismo negociado.

Terão esses tropeços iniciais justificado esse sobressalto pessimista? Ou será essa mais uma manifestação de nossas fáceis alterações de humor? Temos hoje uma inflação quase civilizada, ligeiro aumento do nível de emprego, palpável crescimento do consumo, etc. Desassossego só se for porque quase tudo ainda está por fazer. A angústia só pode ser causada pelo fato de o navio da economia brasileira estar fundeado no mar encapelado da inflação com a precária âncora cambial. Mas a âncora só pode ser abandonada quando se atracar no porto seguro das reformas estruturais urgentes. Pela posterização das reformas, o estatismo conservador tem proclamado que a grave crise por que passa a economia mexicana é resultado da “marcha da insen-

satez neoliberal” (Mercadante). Como se o irrealismo cambial e o prolongado desequilíbrio da balança comercial fossem doutrinários e não efeitos de desastrosas políticas conjunturais. A superação dos desequilíbrios estruturais nos chamados mercados emergentes não depende apenas de se fazer a opção doutrinária certa, mas também de se aplicar a cada conjuntura a dosagem certa dos ingredientes que garantem o ténue equilíbrio dos sistemas econômicos abertos. A sobrevalorização do real e o déficit comercial de novembro/dezembro são evidência cabal de que repetiremos o México? Muitos já antecipam o próximo estágio de sofrimento do Brasil, condenado que está a ser a Argentina de ontem, o México de hoje, etc. Drumond, premonitório, versejava: “Nenhum Brasil existe”. Mas antes de nos desesperarmos, convém lembrar que há mais que discrepância ideológica entre os profetas do desastre inexorável e os otimistas inveterados: há um vazio de análises com um mínimo de cientificidade. Seria tão bom se a ciência pudesse desnudar o otimismo e o pessimismo sem lastro explicativo. Nesse caso, poderíamos já saber se fomos irresponsavelmente otimistas em 94 ou se estamos sendo infundadamente pessimistas em 95 antes de as reformas saneadoras serem deslanchadas.

O AUTOR

Alberto Oliva

é professor de Filosofia da UFRJ

